



RUI MANUEL AMARAL

RUI MANUEL AMARAL (Porto, 1973) é licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Trabalhou como redactor publicitário e foi coordenador literário da revista *aguasfurtadas*. Autor de vários livros de contos breves, tais como *Caravana* (Angelus Novus, 2008), *Doutor Avalanche* (Angelus Novus, 2010) e *Polaróide* (Língua Morta, 2015), pratica uma escrita cuja maior singularidade é o tratamento do absurdo em textos curtos, por vezes aforísticos, poéticos tanto pela capacidade de síntese como pelo espanto que provocam no leitor. Estreou-se na narrativa com longa com *Cadernos de Bernfried Järvi* (Snob, 2019). Traduziu Oliverio Girondo, Francisco Tario, Virgilio Piñera e Ruben Darío. Como editor da FLOP, deu à estampa livros de Konstantinos Kaváfis, Antonin Artaud, Daniil Kharms, entre outros. Em Outubro de 2020, publicou *Embriagai-vos*, antologia de poemas em prosa de autores franceses, seleccionados e traduzidos por Regina Guimarães.

O RELATÓRIO

Um homem precisava urgentemente de uma transfusão de sangue. No hospital, o médico disse: “Este homem precisa urgentemente de uma transfusão de sangue.” O assistente, que era um profissional muito hábil, e além disso muito experiente, preparou de imediato a transfusão. Pendurou o saco, picou o homem, instalou o cateter e o sangue começou a correr. Pouco depois, o homem morreu.

No relatório de averiguações, os peritos concluíram que se tratou de um lamentável erro humano. O assistente, que era um profissional muito hábil e além disso muito experiente, por qualquer enigma ou mistério da natureza, picara o homem na veia poética. Portanto, o sangue fora transferido para a veia poética do doente, acabando este por bater a bota.

E as pessoas podem rir se quiserem, mas a verdade é que os problemas não ficaram por aqui. Ao bater a bota, o homem fê-lo com tanta determinação que aquela soltou-se-lhe do pé e foi atingir com estrondo a cabeça do médico.

Resumindo, o médico ficou incapacitado para o trabalho e o morto desatou a escrever poemas no paraíso.

In *Caravana*, Angelus Novus, 2008, pp. 115-116.



RECITAR POEMAS É COISA QUE NÃO SE PODE ADMITIR NOS CAFÉS

É um tipo como os outros, de longas madeixas pretas e suíças muito farfalhudas. Está sentado num café a beber cerveja. De repente, levanta-se e começa a recitar versos em voz alta. Um cliente aproxima-se e aplica-lhe uma vigorosa bofetada. O homem, parecendo não se incomodar, insiste na sua solene actividade poética.

Uma velha, muito irritada com a pouca vergonha*, ergue o punho e administra-lhe um soco rápido e seco em pleno rosto. Um bêbado atira-lhe com um copo. O homem cerra os olhos e esforça-se por elevar ainda mais a voz. Os empregados do café, animados pelo desejo louvável de proteger a dignidade do estabelecimento, caem-lhe em cima, numa fúria avassaladora. Mesas viradas e copos quebrados. Ouvem-se injúrias em todos os idiomas. Murros e pontapés seguem-se uns aos outros com uma tal violência que as janelas chocalham nos caixilhos e o chão treme. O homem muda de cor, perde o nariz, estilhaça as rótulas, mas não se deixa vergar pelo evoluir dos acontecimentos.

— Ah!, pudesse eu ser presa de um fogo cruel ou engolido pelo mar tempestuoso! — grita ele, com uma determinação inflexível, quase sem dentes, debaixo de uma trovoadade socos e bofetadas.

O dono do café, que é uma alma justa e boa, segura um revólver e, sem gastar tempo com palavras, alveja o

homem no peito. Em consequência disso, o homem morre. E é muito bem feito. Recitar poemas é coisa que não se pode admitir nos cafés.

* — Vá recitar para outra freguesia, seu atrevido — diz ela, esbaforida de indignação.

In *Doutor Avalanche*, Angelus Novus, 2010, pp. 59-60.

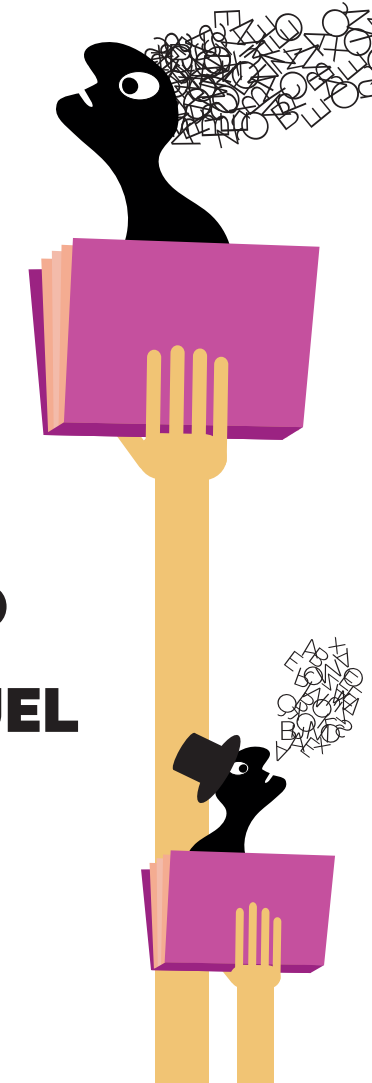
Sonho:

Um pássaro enorme pousado na minha mesa de trabalho. Asas pesadas, longo colo, nada parecido com um corvo. Mergulha o soberbo bico num tinteiro de metal e deixa escorrer, sobre o meu caderno, um negro fio de tinta. Olho para ele, perplexo, e ele corresponde, olhando de relance para mim. Escreve, lenta e minuciosamente, baixando e erguendo a cabeça. Arrisco dois tímidos passos na sua direcção. Debruço-me sobre o caderno e leio o texto: é um poema. Um poema bastante fraco. Uma salgadeira. O passaroco exagera nos advérbios de modo, nos sinais admirativos e nas liberdades de pontuação. Viro-lhe as costas, desiludido, e lanço-me sobre a cama, para cair num sono pleno e simples. Nesse momento, acordo.

In *Cadernos de Bernfried Järvi*, Snob, 2019, p. 82. .

**DIGA
33
POESIA
NO TEATRO**
PROGRAMA ELABORADO POR
**HENRIQUE MANUEL
BENTO FIALHO**

**MIGUEL
CARDOSO
&
RUI MANUEL
AMARAL**
11 MAIO 2021





MIGUEL CARDOSO

MIGUEL CARDOSO (Lisboa, 1973) ensina, traduz e escreve. Começou por estudar Direito, mas acabou a formar-se em Literaturas Modernas da Variante de Português e Inglês. Viveu alguns anos em Londres, trazendo de regresso na bagagem a poesia de Sean Bonney — que vem traduzindo com regularidade. Tem poemas, ensaios e outros textos publicados em diversas antologias e periódicos. Estreou-se em livro com *Que se diga que vi como uma faca corta* (Mariposa Azul, 2010). Em 2017, integrou a delegação de autores de língua portuguesa na Feira do Livro de Leipzig. Dois anos depois, foi seleccionado para a Bolsa de Residência Literária do Instituto Camões Berlim. É membro do colectivo Unipop e colaborador na revista Imprópria. A propósito da publicação de *Viveres* (Tinta-da-China, 2016), o crítico Gustavo Rubim referiu-se-lhe, no jornal Público, como “poeta político”.

Preferi, quando pude,
outras densidades, surpresas.
Tive até propósitos, fins por entre
este desconcerto de assobios.
Como se remexer as mãos
Dentro da terra fosse apenas o início.

A isto voltarei vezes sem conta.

In Que se diga que vi como uma faca corta,
Mariposa Azul, Junho de 2010, p. 17.

TRABALHO

Passo imperfeições ao próximo.
Ele passar-me-á as dele.

Cola e jornal cobrem acidentes.
O ar é redondo de fora para dentro.

Hoje há feijoada e café para todos.
Fingimos como podemos a perfeição.

In Mais de Mil Anos, Douda Correria, 2017, s/p.

Aqui jaz o velho mundo
como cabelo incuspível sob a língua

e perto a curva que porá fim à vista

e no entanto não é tempo
para lamentações dizem-me

que também o sussurro levanta
a poeira atiga os cantos dos mosaicos

a terra em longo pousio a tona da água
algumas flores delicadas altas e domésticas

e senão dar à manivela da voz
e por uma vez dar pela fadiga
dos tendões mais subtis

e rirmo-nos de um dia morno
em casa dar para tantos fins de verso

e em seguida janta-se

In Fruta Feia, Douda Correria, Maio de 2014, s/p.

(...)

Dizia-se muito: custo-benefício. Dizia-se: afã. Bem, afã talvez não se dissesse muito. Afazeres, afazeres dizia-se, embora de outra maneira. Dizia-se vida. E vida dizia-se: trabalho. Trabalho dizia-se emprego. Emprego dizia-se: é pegar ou largar. Dizia-se: é a vida.

Entretanto, a fruta feia voltou à ordem do dia.

Passo a explicar.

Sou pelo pleno emprego dos erros graves a escrever despedidas para sempre por sms. Sou pelo emprego pleno do fôlego e dos músculos faciais a ler livros de poesia (é fazer uns cálculos prévios, de quanto calha de sopro a cada verso, ou a cada sílaba). Sou, por exemplo, pelo pleno emprego de Raul Brandão para deixar a Sophia a arfar. E dizer depois: assim é que é. É neste sentido que as coisas, no pleno emprego, são o que são. Ou serão o que serão.

(...)

In Pleno Emprego (fragmento), Douda Correria,
Dezembro de 2013, s/p.

Arrumar sobre a mesa
as peças sobresselentes
dos paraísos perdidos

Guardar memórias na cova das mãos.

Fechar.
Voltar a afundar-se nos bolsos.
Não porque sejam fulguerosos.

É apenas o fim anunciado dos ofícios.

Joguei para o empate na luta de classes.

In Viveres, Tinta-da-China, Junho de 2016, p. 13.

POSFÁCIO

psssst

era isto,
ó deuses?

In À Barbárie Seguem-se os Estendais, & etc,
Fevereiro de 2015, s/p.